

## **CAMINHADAS NA ARTE**

Ester Cunha, Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Esse artigo analisa três ações de caminhada em silêncio realizadas em grupo, em diferentes locais, na cidade do Rio de Janeiro. Nas ações nosso questionamento é a aproximação entre o ato de caminhar como ação artística e ação meditativa. Nos interessa analisar a caminhada como um elemento para a atenção plena, do espaço, corpo e mente. Nosso objetivo é investigar a secularização de práticas espirituais no diálogo entre prática artística e estética.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Caminhada, Meditação, Espiritualidade.

### **ABSTRACT**

This article analyzes three silent walking actions carried out in groups, in different locations, in the city of Rio de Janeiro. In the actions, our question is the approximation between walking as artistic action and meditative action. We are interested in analyzing walking as an element for mindfulness, of space, body, and mind. Our aim is to investigate the secularization of spiritual practices in the dialogue between artistic practice and aesthetics.

### **KEY WORDS**

Walk, Meditation, Spirituality.

---

<sup>1</sup> Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com orientação do Professor Doutor Gilson Motta. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Um dos ensinamentos mais profundos é também o mais curto: “Eu cheguei”. Quando retornamos à nossa respiração, voltamos ao momento presente, nossa verdadeira casa. Não há necessidade de se esforçar para chegar a outro lugar. Sabemos que o nosso destino final é o cemitério. Por que estamos com pressa para chegar lá? Por que não andar na direção da vida, que existe no momento presente? Se praticarmos a meditação caminhando apenas por alguns dias, vamos passar por uma transformação profunda e aprender a desfrutar da paz em cada momento. Nós sorrimos, e inúmeros seres através do cosmo sorriem de volta para nós – nossa paz é muito profunda. Tudo o que sentimos, pensamos e fazemos tem um efeito em nossos ancestrais e nas gerações futuras, e reverbera através do cosmos.

Thich Nhat Hanh

Frente à imaterialidade característica de diversas ações artísticas, em especial a partir de meados do século XX, identificamos uma vertente fundamental da produção artística contemporânea “a aspiração ao nada, à dissolução, ao vazio” (VISCONTI, 2014, p. 40), em que esse nada, apesar de sua imaterialidade, é preenchido de significado, dando lugar na poética de muitos artistas, a busca de uma conscientização, do espaço, do corpo, da mente; um estado de expansão da percepção. Para o artista John Cage, a real função da arte seria um despertar para a realidade da vida que vivemos (TOMKINS, 1968, p. 73). Esse despertar através da arte, ou uma tomada de consciência, é o centro de nossa investigação.

Esse artigo compõe minha pesquisa de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que investiga a relação entre arte e espiritualidade a partir da análise de ações que envolvem o ato de caminhar como ação artística. Me interessa investigar a caminhada como elemento de conexão do corpo, entre dentro e fora; corpo e espaço; e como elemento de conexão entre corpo, mente e espírito. Minha investigação tem como questionamento central a indagação: Quais as aproximações e afastamentos entre as produções artísticas que se utilizam do ato de caminhar e as ações meditativas (mindfulness) que se utilizam da caminhada?

Para essa investigação apresento três caminhadas coletivas realizadas em silêncio na cidade do Rio de Janeiro. Em minha investigação estabeleço um diálogo com os autores Guy Debord (1997), Michel de Certeau (2012), Frederic Grós (2010), e Francesco Careri (2017), em sua abordagem do caminhante; Thich Nhat Hanh (2011) sobre a caminhada meditativa e o estado de atenção plena, e John Cage (1973) e Jacopo Visconti (2014), com suas contribuições sobre o silêncio e a criação do nada.

O ato de caminhar está presente desde os tempos mais antigos com as peregrinações espirituais, como as destinadas ao templo de Amon no Egito, e aquelas realizadas pelos muçumanos à Meca. A peregrinação foi amplamente difundida pelos cristãos, em jornadas rumo à locais considerados sagrados, como penitência ou ato devocional. Além das peregrinações, podemos citar o Kinhin, a prática tradicional zen budista de caminhar em meditação. No Kinhin há a intenção de levar a atenção para dentro, numa prática que pode acontecer em pequenos espaços, como um salão de meditação.

Nas artes, o ato de caminhar está presente na poética de diversos artistas performáticos. Na modernidade, o caminhar é apresentado na literatura de Baudelaire com a personagem do *flâneur*, personagem posteriormente abordado por Walter Benjamin (MARTINS, 2009, p. 887), e que serviu de influência no século XX para grupos como os dadaístas, os surrealistas, os situacionistas e artistas da *land art*. Na contemporaneidade diversos são os artistas que se utilizam do ato de caminhar como motriz poético para suas criações, dentre eles podemos citar nomes como: Richard Long, Hamish Fulton, Francis Alys, Milan Knížák, Artur Barrio, Paulo Bruscky, Floriano Romano, Paulo Nazareth, entre outros. A caminhada passa a ser abordada como um elemento de criação, como a ação em si; não se caminha para chegar, mas pelo próprio ato de caminhar.

### **Corpo e Espaço**

Ao analisar a relação do caminhante com o espaço urbano, o filósofo Michel de Certeau em seu livro ‘A invenção do cotidiano’ aponta que essa relação não é das mais serenas, na rotina cotidiana o caminhante segue o fluxo de um texto urbano, preenchendo espaços da interação fugaz entre cheios e vazios. O caminhante toma decisões, segue por alguns caminhos e evita outros, cria desvios, percebe percursos proibidos ou obrigatórios e traça atalhos. (CERTEAU, 2012, p.170). Certeau analisa que esses espaços têm a produtividade como finalidade, e revelam em sua estrutura a necessidade de que os lugares sejam transitórios. Ou seja, a rua não é planejada para um estar, mas para transitar. Mesmo quando a cidade possui espaços de descanso, como parques e jardins que remetem ao espaço do campo, esses espaços funcionam como meros espaço de fuga, de respiro no caos da organização da cidade. No cotidiano urbano, em geral, caminha-se de um lugar a outro, de um espaço para outro espaço. O corpo transita entre os espaços de dentro e de

fora, em que dentro é onde o corpo habita, e fora em geral são espaços de conexão entre eles. Por vezes os habitantes urbanos saem de um espaço fechado para ‘tomar ar’, espairer, arejar a cabeça das atribulações e demandas intensas da rotina do dia a dia.

Sobre esse aspecto, o pesquisador Frédéric Gros afirma que em longas caminhadas há uma inversão, “‘fora’ não é mais uma transição, e sim o elemento da estabilidade. A situação fica invertida: vai-se de um abrigo a outro, de um refúgio a outro. É o ‘dentro’, sempre, que se transforma, indefinidamente variável” (GROS, 2010, p. 38). Dessa forma, há uma fluidez nos conceitos ‘dentro’ e ‘fora’, seu significado é estabelecido a partir da relação.

Guy Debord, defendia a importância de reconhecer os efeitos psicográficos - os efeitos do espaço geográfico sobre as emoções e os comportamentos humano- no transeunte. Debord foi o criador da teoria da deriva, e um dos fundadores dos situacionistas, grupo formado na década de 60 com o objetivo de empreender transformações de ordem político e social. A Deriva era a ação direta da psicogeografia no caminhante, e sua ação era encarada pelo grupo como um modo de subversão fundamental para a superação dos modelos em vigor do espaço urbano. A posição situacionista era pertinente à organização das coisas no espaço e sua relação com os seres humanos. Debord ao refletir sobre o fluxo urbano e o tempo despendido nos transportes em decorrência do intenso trânsito das grandes cidades faz a previsão de que num futuro próximo os urbanistas revolucionários não se preocuparão apenas com as questões de circulação “nem apenas com homens paralisados num mundo de coisas, tentarão romper essas cadeias topológicas por meio da experimentação de terrenos, para que os homens transitem pela vida autêntica” (DEBORD in JACQUES, 2003, p. 113). Nossas ações, apesar de possuírem um trajeto preestabelecido, e não se utilizarem da deriva, buscam a percepção dos efeitos psicográficos no corpo, e a experimentação do corpo no espaço.

### **Mente e Espírito**

Nossa investigação tem o objetivo analisar a arte como uma ferramenta no processo de despertar espiritual, ou exercícios espirituais, tomando emprestado o termo utilizado por Pierre Hadot (2014) para designar a secularização de práticas da antiguidade de cuidado de si. Em 1910 Max Weber afirmou que a arte se tornou uma alternativa à religião (ou espiritualidade), “a arte assume a função de uma salvação mundana, não

importa como isso possa ser interpretado. Ele oferece uma salvação das rotinas da vida cotidiana e, especialmente, das crescentes pressões do racionalismo teórico e prático.” (AYRA, 2016, p.6).

Para o monge budista Thich Nhat Hanh (2021), a meditação caminhando não é algo difícil, em que é necessário anos de experiência, ao contrário, para meditar caminhando “é necessário apenas se tornar consciente de que está caminhando.” Consciência já é esclarecimento. Cada um de nós é capaz de ter atenção plena em nossa inspiração e nossa expiração.” (p. 20). Para Nhat Hanh o estado de presença é fundamental no exercício meditativo, e a atenção na respiração traz a atenção para o momento presente. Quando interrogado sobre o motivo de praticar a meditação caminhando, o monge revelou que cada passo o deixa feliz, e afirma ser preciso aprender a caminhar para gerar paz e alegria quando caminhamos. Aprender a caminhar é dar cada passo com atenção plena, e parar de correr.

Nossos exercícios de caminhada são realizados em silêncio, este que é um elemento primordial para um estado meditativo. Na obra de John Cage o silêncio está em diálogo com os sons e com os ruídos, ele [o silêncio] é um meio para trazer sons secundários para o primeiro plano. O silêncio, como aborda a crítica de arte Susan Sontag (2015), nunca deixa de implicar seu oposto, e depender de sua presença. O silenciar da fala e a ausência de produção sonora possibilitam uma percepção ampliada dos sons de fora do corpo, e de dentro dele. Cage afirma que o silêncio não existe para o ser humano, uma vez que exista um corpo vivo sempre haverá sons: de nossa circulação sanguínea e sistema nervoso (CAGE, 1973, p.8). Junto aos sons do corpo, podemos adicionar um outro som, os sons de nossa mente, os pensamentos muitas vezes ruidosos, que emergem quando ficamos em silêncio. A meditação possibilita essa dupla escuta, dos sons externos (produzidos no espaço), e os sons internos (do corpo e da mente). O silenciar da fala propicia uma audição sonora, meditar, propicia uma audição interna. A caminhada, por sua vez coloca em relação corpo e espaço. O ato de caminhar em silêncio potencializa a percepção de elementos internos e externos, um diálogo entre dentro e fora.

No Ocidente, a meditação é comumente empregada como uma ferramenta para o alívio do estresse e da ansiedade visando manter o ritmo intensivo de produto da sociedade de consumo, que por sua vez é a real fonte geradora e mantenedora do estresse e da ansiedade. Essa utilização, entretanto, se distancia da prática tradicional de meditação na busca do bem-estar, desapego do material, unificação com o todo e estado de atenção

plena, mindfulness. O termo mindfulness, se popularizou em especial a partir da segunda metade do século XX, com o movimento de migração de Gurus indianos e Mestres budistas para o Ocidente, e da publicação de traduções para o inglês de escrituras milenares orientais. A palavra Mindfulness, muitas vezes traduzido como atenção plena, foi utilizada para traduzir ‘Sati’, um conceito da tradição budista. Mindfulness, é o exercício meditativo de atenção plena, que tem como objetivo a consciência dos estados do corpo e da mente, com o intuito de desapegar das sensações e atingir o estado de equanimidade. Na tradição védica milenar, o berço da filosofia hinduísta, de onde nasce o Budismo, ‘Dhyana’, ou meditação, é uma etapa fundamental para o Samadhi, a completa união entre corpo, mente e espírito. Quando a distinção entre eles é dissolvida atingesse a plenitude do ser.

No processo de popularização e massificação de práticas e técnicas consideradas sagradas no Oriente muito de sua essência e real significado são esquecidas ou simplesmente deixadas de lado. Nossa abordagem da meditação visa o emprego do seu real sentido espiritual. Pontuamos que o termo espiritualidade empregado em nossa pesquisa busca trazer questionamentos relativos à prática espiritual dissociada de uma prática religiosa dogmática.

Dentre esses artistas que abordam a relação entre arte e espiritualidade ressaltamos o trabalho do artista Wassily Kandinsky, que além de expressão pictórica também teceu declarações textuais acerca do espiritual na arte:

Quando a religião, a ciência e a moral são abaladas (esta pela rude mão de Nietzsche), e quando seus apoios exteriores ameaçam desmoronar, o homem desvia seu olhar das contingências exteriores e volta-o para si mesmo. A literatura, a música e a arte são as primeiras afetadas. É nelas que, pela primeira vez, pode-se tomar consciência dessa mudança de rumo espiritual. A imagem sombria do presente nelas se reflete. A grandeza nelas deixa-se pressentir, quando ainda não é mais do que um ponto minúsculo, que só uma ínfima minoria descobrirá e que a massa ignora (KANDINSKY, 1996, p. 48).

Kandinsky acreditava que havia chegado a era do despertar espiritual e defendia que esse despertar poderia ser sentido e absorvido nas artes. A defesa que Kandinsky faz na arte moderna ganha maior dimensão na contemporaneidade, especialmente observada na presença de experimentos místicos e ritualísticos. Para a teórica da arte e da religião Rina Ayra, ao invés de questionarmos a relação entre arte e religião na contemporaneidade, mais importante é questionar “qual é a natureza do diálogo entre arte e espiritualidade, como as duas se unem e que forma assume o encontro?” (AYRA, 2016, n.p.).

## **Caminhadas**

Nossa caminhada se inicia de modo meditativo, a intenção é que os participantes se conectem consigo mesmos, com seus sons, com sua respiração; a aceitação é a indicação primordial de nossa prática, na condição básica de não agente exterior, as ações se dão internamente. Cada detalhe importa, cada som e cada elemento apreendido pelos sentidos pode ser primordial para cada participante.

A primeira caminhada para nossa investigação foi realizada no Leme, zona sul do Rio de Janeiro, no dia 10 de julho de 2022, com um grupo de 16 participantes. Com duração de 3 horas, A proposta foi de que o grupo caminhasse em completo silêncio, a passos lentos e vagarosos, com a atenção plena no corpo, na respiração, e nos elementos do espaço. Os corpos se unificam, na medida que o grupo busca se perceber, para juntos se deslocarem. A ação é contínua e o silêncio propicia uma escuta ativa, aos ruídos internos e externos. A meditação, como um elemento de atenção plena encontra lugar e ativa os elementos internos, a memória. Essa proposição contou com um ambiente propício ao estado meditativo, em uma zona nobre da cidade do Rio de Janeiro, um local arborizado e seguro, em um percurso que incluiu o mirante do Leme, contemplando a vista da orla de Copacabana.

Em nossa caminhada a intenção era mesclar a atenção do dentro e do fora, do corpo e dos elementos do espaço. Ao final da caminhada o grupo relatou extrema paz e relaxamento. Alguns compartilharam que nunca tinham experienciado um tempo tão longo em silêncio em grupo, o que possibilitou que pudessem perceber os elementos externos, em especial da natureza, de modo aguçado.

A segunda caminhada realizada no dia 27 de outubro de 2022, teve seu percurso iniciado na Escola de Belas Artes, na Ilha do Fundão, finalizando no Monumento a Zumbi de Palmares, na Avenida Presidente Vargas. Zumbi de Palmares, foi um líder negro, destacando-se no movimento ante escravocrata no Brasil. Morto no século XVIII no nordeste do país, o monumento a Zumbi foi erigido em 1986 na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, local de encontro de negros para a prática de seus ritos afro-brasileiros e do samba, no final do século XIX. Essa caminhada foi realizada com um grupo de 6 participantes, todos artistas, com duração de 5 horas e distância de 16 quilômetros. O grupo caminhou por muitas avenidas, estradas com trânsito intenso,

atravessou passarelas, adentrou bairros desconhecidos, e percorreu espaços de inseguranças rodeado de favelas.

O tempo longo da caminhada, em um dia de sol intenso, num trajeto de muito trânsito trouxe uma sensação de cansaço, porém superação, física e do medo do espaço desconhecido. Ao contrário da primeira caminhada, o segundo grupo teve a atenção mais focado em chegar ao destino da caminhada do que na percepção dos elementos do caminho. Esses elementos (ruídos, e outros elementos de inseguranças) não eram sedutores para que os participantes focassem neles sua atenção por um tempo maior do que o necessário para percorrer o local. Caminhamos em muitos momentos de modo quase mecânico, caminhamos para chegar.

A terceira caminhada, realizada no dia 25 de novembro de 2022, contou com um grupo de 7 participantes, alunos da pós-graduação em Artes da Cena, e foi realizada nos entornos do Museu de Arte do Rio, na Zona Portuária. Temos no centro da cidade uma região de grande fluxo migratório. Com os processos de modernização urbana, muitas vezes ocorre um distanciamento da memória cultural local, que perde a multiplicidade em prol do global. O fenômeno global, acarreta um aumento dos fluxos migratórios para os centros urbanos, o que por sua vez, opera grandes transformações na história e memória local. “[...] muitos precisam se organizar para acolher em seu solo as milhões de pessoas [...] que, a ação acumulada das guerras, dos fracassos do desenvolvimento econômico e das mudanças climáticas irão atirar em busca de um território habitável para eles e para seus filhos.” (LATOURE, 2019, p 11).

Com duração de 2 horas, a caminhada teve em seu trajeto o Cais do Valongo<sup>2</sup>, local onde se encontra o maior porto de desembarque dos escravizados, trazidos da África para a América do Sul no século XIX, onde estima-se que cerca de um milhão de escravizados tenham desembarcado. Esse foi o percurso mais intenso de todos, por seu peso histórico. Em nossa ação de caminhada, nosso interesse foi a absorção do espaço pelo corpo, a conscientização desse espaço, e de sua memória, a percepção dos efeitos psicográficos no corpo, na sociedade e na nossa cultura. A conscientização do espaço é parte do processo de reivindicação da nossa memória ancestral. Iniciamos nossa

---

<sup>2</sup> O Cais do Valongo fica localizado na região da Pequena África, onde também se localiza a antiga Casa da Tia Ciata, figura primordial da preservação da cultura afro-brasileira, em especial do samba carioca; e o Cemitério dos Pretos Novos, local onde eram destinados os escravizados que faleciam logo após sua chegada no Rio de Janeiro, antes mesmo de serem vendidos como mercadoria, e por isso chamados de pretos novos.

caminhada às 17h, com um tempo lento, um ritmo tranquilo, e um passo calmo. O grupo permaneceu um pouco distante na medida que alguns caminhavam mais devagar. O caminho familiar até a esquina do Museu, toma conotações de desconhecido à medida que adentramos beco e ruelas. O ritmo da caminhada foi ganhando forma de coletivo conforme avançamos no nosso percurso.

Os locais escolhidos desenhavam um percurso no nosso caminhar. A primeira edificação, onde alteramos nosso ritmo, foi uma edificação religiosa, Igreja de São Francisco da Prainha. Não chegamos a parar completamente, mas percorremos a passos lentos, para que o grupo pudesse observar a construção. A igreja, fundada em 1696, tem seu nome em homenagem à São Francisco de Assis, patrono dos animais e do meio ambiente. Sua construção, ao alto, fica em local privilegiado, quem está frente da Igreja tem uma vista panorâmica da cidade, entretanto, um passeante distraído, que cruza a rua abaixo, pode passar tranquilamente sem perceber a presença da Igreja, naquele local. Seguimos pela lateral da igreja, percorrendo becos, com casas de moradores, algumas com a porta aberta, onde pudemos ver pessoas sentadas no sofá, assistindo uma programação na televisão. Um cenário quase cinematográfico, pois ao descer a rua e virar a primeira direita retomamos ao caos e velocidade do centro da cidade.

O percurso compunha: a Igreja de São Francisco da Prainha, o Cais do Valongo, e o pé de Baobá. Caminhamos até a Igreja de São Francisco da Prainha, contornamos a Igreja pelo Adro de São Francisco e Beco João José, passando pela Escola Padre Doutor Francisco da Motta, seguimos pelo Largo de São Francisco da Prainha para a Rua Sacadura Cabral, até chegar no Cais do Valongo, na Avenida Barão de Tefé. Descemos no Cais do Valongo e seguimos para a árvore do Baobá, na Avenida Barão de Tefé.

O ponto de parada do grupo foi no Cais do Valongo. Ao chegarmos ao Cais do Valongo, o grupo ficou mais distante uns dos outros, alguns não desceram no Cais. Um local de grande valor histórico, e que sofreu inúmeras tentativa de apagamento dessa memória, em especial com seu aterro, e construção de um novo cais em 1843, para receber D. Teresa Cristina, futura esposa do Imperador Dom Pedro II, quando passa a ser chamado de Cais da Imperatriz. Em 1904, o Cais da Imperatriz é aterrado para as obras de modernização do centro da cidade empreendidas pelo Prefeito Pereira Passos, e apenas em 2011, durante as obras de revitalização da zona portuária, os dois cais são redescobertos. O Cais do Valongo, que tinha ficado esquecido na história, em 2017 se torna Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO.

No nosso percurso, pudemos observar, moradores em suas casas, prédios em ruínas, comércio local, transeuntes, grafites nos muros, plantas em vasos, em especial Espadas de São Jorge, em frente a casas, servindo como proteção. E nossa última parada aconteceu no pé da árvore do Baobá, uma espécie considerada sagrada na África. No mito cosmogônico o Baobá é um elo entre o mundo material e o espiritual. Em 2016, uma muda da árvore, vinda da Ilha de Goré, na costa do Senegal, foi presenteada pela Companhia dos Mistérios e Novidades, cia de teatro com sede na zona portuária, e plantada em frente ao Cais do Valongo, na Avenida Barão de Tefé, esquina com Avenida Venezuela. A Companhia teatral, comprometida com a memória ancestral do espaço, realiza cortejos e espetáculos de intervenção urbana na zona portuária.

A árvore do Baobá marcou o fim da primeira parte do percurso, e dele retornamos o caminho. Esse foi o momento que senti que o grupo se tornou um coletivo, um caminhar mais unificado, quase igualando a respiração, e integrando um corpo único. Na volta fizemos uma pequena alteração no percurso, entrando na Rua Tia Ciata, passando pela Pedra do Sal, e seguindo pela Rua São Francisco. Nesse ponto retornamos pelo Beco João José, Escola Padre Doutor Francisco da Motta, e Igreja de São Francisco da Prainha, até chegar ao Museu de Arte do Rio. O percurso foi finalizado com uma respiração coletiva em círculo, uma indicação de desapego e de que não qualificassem as sensações. Ao final da caminhada o grupo estava muito sensibilizado, ainda com muita energia para seguir com a proposta e com muitos questionamentos sobre nosso passado e memória.

Nossa caminhada, me traz a memória a caminhada de Robert Smithson por Passaic, Nova Jersey. Na caminhada realizada em 1967, Smithson observa a cidade, seus edifícios, pontes, e estradas, e reflete que “[...] os subúrbios existem sem passado racional e sem os “grandes eventos” da história.” (SMITHSON, 2008, p. 165). Essa afirmação me faz pensar no Cais do Valongo, local que ficou por muito tempo silenciado pelo apagamento de sua história. Smithson diferencia Passaic de Nova York pelos vazios monumentais presentes em Passaic, e se pergunta:

Se certas cidades do mundo forem colocadas lado a lado em linha reta e ordenadas de acordo com o tamanho, a começar por Roma, onde Passaic estaria nessa progressão impossível? Cada cidade seria um espelho tridimensional que refletiria a cidade seguinte para a existência. Os limites da eternidade parecem conter tais ideias nefandas. (SMITHSON, 2008, p.167).

Esse espelhamento é uma característica da modernização das cidades, onde um único modelo serve a um processo de unificação global. Roma, por muitos anos serviu como um grande modelo, com sua importância histórica e arquitetônica, entretanto, apesar da tentativa de uma homogeneidade, cada lugar possui uma história singular, e cada pessoa que por ali passou contribui para essa história. Resgatar a história do lugar é resgatar nossa própria história, além de reconhecer o efeito que os espaços causam no nosso corpo.

Também empreendendo caminhadas no espaço urbano, o grupo Stalker compõe um grande referencial para essa pesquisa. O grupo cofundado por Francesco Careri, em Roma, é composto por um coletivo de artistas e pesquisadores que criam ações coletivas de caminhadas no espaço urbano, especialmente em ambientes abandonados, indeterminados ou “vazios”. “Aqueles áreas esquecidas que formam o negativo da cidade contemporânea, que contêm em si mesmas a dupla essência de refugio e recurso.” (CARERI, 2017, p.15). Para Careri, o objetivo das caminhadas era conhecer os espaços, [...] percebê-los em seu devir, representá-los sem defini-los [...]” (ibidem). A caminhada é utilizada como uma prática poética e uma ferramenta para mapear o espaço e suas transformações. Esse mapeamento lida com histórias, memórias, e com a abertura de possibilidades criativas. Em sua mais recente publicação “Caminhar e Parar” (2017), Careri traz um relato de sua pesquisa na América do Sul e discorre sobre os medos e inseguranças experimentados no espaço urbano:

Caminhar na América do Sul significa lidar com muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de quebrar regras, medo de usurpar o espaço, medo de cruzar barreiras muitas vezes inexistentes, medo de outros habitantes, quase sempre percebidos como potenciais inimigos. Simplificando, andar é assustador, então as pessoas não andam mais; aqueles que andam são sem-teto, viciados em drogas, párias. [...] Nas escolas de arquitetura percebi que os alunos, a futura classe dominante, sabem tudo sobre a teoria urbana e os filósofos franceses; nunca tiveram a experiência de jogar futebol na rua, de encontrar os amigos na praça, de paquerar no parque, de entrar sorrateiramente em uma ruína industrial, atravessar uma favela, parar para pedir informações a um desconhecido. Que tipo de cidade poderia produzir essas pessoas que têm medo de andar? (CARERI, 2013, p. 13)

Com essa reflexão consciente de Careri sobre as características do espaço urbano contemporâneo observamos uma desconexão entre teoria e prática por aqueles que realizam o planejamento e organizam os modos de utilização do espaço urbano. Nesse

sentido, acreditamos que ações que investigam a relação entre o indivíduo e o espaço criam possibilidades de transformação dos modos de interações com o espaço.

As caminhadas além de oferecerem respostas para algumas perguntas, produziram outras indagações. A diversificação dos percursos da caminhada, possibilitou uma investigação sobre os efeitos que o espaço opera no corpo, assim como as respostas do corpo a esses efeitos. Além disso, as caminhadas realizadas com um grupo de praticantes de yoga, e outro de artistas, forneceram material para a investigação da predisposição ao estado meditativo durante uma caminhada em silêncio, independente de uma experiência prévia com a meditação.

Após alguns dias da nossa ação de caminhada nos entornos do Museu de arte do Rio, uma das participantes compartilhou um relato de sua experiência, em forma de poema (ver Anexo B), em que eu destaco o trecho:

O calar em união,  
É amar

A caminhada em silêncio  
Cria um elo em suporte  
Lidamos juntas  
Com o que está dentro

A mudança do mundo  
É de dentro pra fora  
Cada um é uma casa  
Para ser arrumada

Memórias, desconfortos, sorrisos  
Atenção, lugares, cuidado

O relato, que foi um presente, ativa em mim o desejo de seguir minha caminhada, com a consciência, cada vez maior de que o caminhar pode ser uma ferramenta potente de autoconhecimento. Para nos conhecermos, conhecer o espaço, conhecer uns aos outros. Para olhar para fora e para dentro. A caminhada pode nos mostrar quem somos, onde estamos e para onde vamos. Caminhamos para despertar!

## **Conclusão**

As ações de caminhadas propiciaram a experiência da produção do nada. Na ausência de materialidade preenchida de exercícios de consciência espiritual. As

caminhadas são realizadas com pessoas que tem familiaridade com o local por onde caminhamos, desse modo não tem um caráter turístico. Apesar do corpo intervir no espaço, muitas vezes passamos despercebidos pelos transeuntes cotidianos. Não buscamos empreender um espetáculo, um happening. O público não existe na nossa ação. O participante performa todos os papéis, ele tanto é o autor, o público e o crítico na ação.

O próximo passo de nossa investigação será realizar caminhadas com um grupo de artistas, e outra com um grupo de praticantes de meditação, repetindo o mesmo percurso de caminhada. Além de investigar a predisposição a um estado meditativo e a tomada de consciência do corpo e do espaço, buscamos analisar essa relação questionando: Será a caminhada em silêncio uma ferramenta para um estado meditativo? Há distinções quando caminhamos em silêncio em espaços urbanos e em espaços de contemplação? Que distinções são essas? Nos questionamos ainda: Seria a arte uma forma alternativa para a prática espiritual? As caminhadas em silêncio podem ser abordadas como práticas estéticas e meditativas? Nosso caminhar nos dispara inúmeras indagações, e seguimos caminhando em direção a essas investigações.

## **BIBLIOGRAFIA CITADA**

Arya, Rina. **Spirituality and Contemporary Art**. Oxford Research Encyclopedia of Religion, 2016. Disponível em <<https://oxfordre.com/religion/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-209>> Acesso em 14 de Janeiro de 2023.

CAGE, John. **Silence**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1973.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: Walking as an aesthetic practice**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2017

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É realizações, 2014

JACQUES, Paola Berenstein (organizadora). **Apologia da Deriva**: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência**. Uma antropologia dos modernos. São Paulo: Ed. Vozes, 2019.

MARTINS, Marcos. O caminhar como pratica artística urbana. In: ANPAP, Associação Nacional de Artes Plásticas. **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**: Transversalidades nas Artes Visuais. Salvador, Bahia, 2009

SMITHSON, Robert. "Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey" (1967). In: **Arte & Ensaio** n. 17, PPGAV-EBA-UFRJ, 2008, 162-167.

SONTAG, Susan. **A Vontade Radical**. Companhia das Letras, São Paulo, 1987

HANH, Thich Nhat. **A arte de caminhar**. Tradução Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2021.

TOMKINS, Calvin. "John Cage". In: **The bride and the bachelors**: five masters of the avant garde. New York: Penguin Books, 1976.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas Derivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.